
A fotografia na produção de lugar¹

Débora KLEMPOUS²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Esta pesquisa busca traçar relações entre os conceitos de fotografia e lugar, segundo a compreensão de ambas como evento (Azoulay, 2012, 2010; Massey, 2008). Nosso recorte é a produção fotográfica por meio de smartphones e suas particularidades, como a visão por meio da tela (Cooley, 2004), a noção de presença e copresença ausente (Hjorth; Pink, 2014; Hillier, 2007) e a emergência de novos espaços a partir da imbricação entre território físico e ciberespaço. A partir de levantamento bibliográfico e diálogo entre conceitos pertinentes ao tema, buscamos entender como a fotografia pode produzir lugares.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; lugar, smartphone; copresença; ciberespaço.

INTRODUÇÃO

O que é um lugar? A geografia não é a única dona desse conceito e, como nos conta Cresswell (2015), lugar pode representar tanto um objeto a ser investigado quanto uma maneira de olhar. Desde Platão, a filosofia ocidental consagrou o espaço como absoluto, ilimitado e universal, ao mesmo tempo em que o conceito de lugar ficou restrito ao reino do particular, do limitado, do local e do que é cercado (Escobar, 2001 apud Creswell, 2015, tradução nossa). O iluminismo relegou os estudos de lugar à mera descrição, enquanto ao espaço foram desenvolvidas generalizações quase que científicas. Mas, na década de 1970, geógrafos humanistas começaram a desenvolver noções de lugar "tão universais e teoricamente ambiciosas quanto às abordagens sobre o espaço" (Cresswell, 2015, p. 34, tradução nossa).

Segundo Cresswell (2015), a imersão humana foi a prioridade ontológica para os humanistas, que beberam da fenomenologia e do existencialismo, a despeito de abstrações do espaço geométrico, mas associando lugar a uma experiência universal, sem reconhecer as diferenças entre as pessoas e suas relações próprias com os lugares. Os geógrafos da teoria crítica, do final da década de 1980, acrescentaram camadas como

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na ECA/USP, e-mail: deboraklempous@usp.br.

raça, classe, gênero e sexualidade para o centro da análise do conceito, sob a ótica dos conflitos sociais e culturais.

Geógrafos regionais falam de lugares como áreas de terra com seus próprios modos de vida; humanistas e filósofos narram lugar como um modo fundamental de estar no mundo; geógrafos radicais investigam o modo como lugares são construídos como reflexos de poder.

A teoria não-representacional, desenvolvida pelo geógrafo britânico Nigel Thrift (2008, p. 2, tradução nossa), tem na experiência o seu objeto de investigação, que ele define como "a geografia do que acontece". É fundamentada na capacidade humana de estar em movimento, entendido por ele como um desejo de presença.

Ele questiona a noção de que vivemos em um mundo acelerado, baseada em um determinismo tecnológico, em que as coisas mapeiam os sujeitos. Para o autor, mais importante do que uma pretensa aceleração ou desaceleração é a consciência do movimento e a orientação da percepção para o momento presente.

O artigo *A global sense of place*, da geógrafa britânica Doreen Massey é considerado por Cresswell (2015) um apelo a uma nova conceituação de lugar, como algo aberto e híbrido, um produto de fluxos interconectados, de rotas em vez de raízes, a partir da "reimaginação das coisas como processos" (Massey, 2008, p. 44). A autora não faz uma distinção clara entre espaço e lugar, porque considera os conceitos indissociáveis.

Se o espaço é uma "dimensão de trajetórias múltiplas, uma simultaneidade de estórias-até-agora (...), a dimensão de uma multiplicidade de durações" (Massey, 2008, p. 49), lugar é reunião, "constelação de processos" (Massey, 2008, p. 203). Se cada trajetória tem sua própria temporalidade, "aqui" é onde "as acumulações de tramas e encontros formam uma história" e "não será o mesmo 'aqui', quando não for mais agora" (Massey, 2008, p. 201). Lugar é entendido como evento, sobre o qual se deve pensar conjuntamente, com diferentes molduras de escala e tempo.

O movimento e a consciência dele é o cerne dessa discussão que trazemos. É necessário, aqui e agora, entender lugar como uma série de encontros que produzem diferentes temporalidades. Assim como Doreen Massey entende lugar como evento, a teórica israelense Ariella Azoulay também defende a compreensão da fotografia sob o mesmo prisma.

ENCONTROS, TELAS E CONEXÕES

Inicialmente, é importante destacar que a língua portuguesa não oferece distinção entre o processo de criar fotografias (*photography*) e a imagem resultante desse processo (*photograph*). Em ambos os casos aplicamos a palavra fotografia. Portanto, quando nos referirmos ao objeto (*photograph*) utilizaremos a expressão imagem fotográfica daqui em diante. Azoulay (2012) entende a fotografia como um evento, sujeito a uma única forma de temporalidade composta por uma série infinita de encontros e formada por duas modalidades de evento (*eventness*): a primeira ocorre em relação à câmera ou a sua presença hipotética e a segunda ocorre em relação à fotografia ou à sua existência hipotética. Esses dois eventos se desdobram em diferentes lugares e em diferentes temporalidades, segundo a autora.

Ou seja, o evento fotografia integra também situações que não resultem em uma imagem fotográfica, se algum dos sujeitos envolvidos crê que possa estar sendo fotografado. Ou a lembrança de uma imagem fotográfica já fisicamente não mais existente. Além de produtor e espectador, o evento da fotografia incorpora outras formas de encontros e desencontros, porque nem todos os que participam do evento fotográfico estão conscientes do seu desenrolar e nem todos os envolvidos poderão ver o produto do evento fotografado. Pela constante presença da câmera ou da ideia de presença da câmera, a fotografia tornou-se um evento em potencial mesmo quando esse dispositivo não está presente.

Se o evento fotografia é composto de duas modalidades de evento, que se desdobram em diferentes lugares e temporalidades, mesmo que não exista a presença nem da câmera e nem da imagem fotográfica, não é na materialidade que se constitui o lugar gerado pelo evento. Sim, existe a sala do interrogatório, existe o país em guerra onde a maior parte das pessoas fotografadas provavelmente nunca terá acesso às imagens produzidas de si mesmas. Mas a sala e a zona de conflito não são o elemento essencial para o desenvolvimento do evento fotografia e seus desdobramentos. Algo próprio, talvez, do potencial do evento fotografia, do ponto de vista inerente ao discurso e ao pensamento fotográfico, do encontro dos participantes desse evento - entre si e com outros objetos. E do caldo borbulhante de história e cultura onde tudo está mergulhado.

Acrescentemos à nossa análise uma particularidade própria do nosso tempo: a produção de fotografias com o smartphone. Diferentemente da câmera fotográfica que,

geralmente, demanda uma intenção prévia, um evento festivo ou uma viagem para sair à passeio, os smartphones funcionam como extensões do corpo. Por se moverem cotidianamente com os sujeitos, as fotografias produzidas por esses aparelhos fazem parte de um processo de se criar associações ao vagar pelo espaço.

Hjorth e Pink (2014) narram uma situação em que uma jovem mulher toma um café em uma movimentada cafeteria de Seul, na Coreia do Sul. Longe de estar entediada ou solitária, ela escolhe uma selfie na galeria de fotos do seu smartphone e publica no Kakaotalk, uma rede social famosa no país. O lugar cafeteria serviu como uma importante motivação para o compartilhamento de uma imagem do seu telefone, o que a motivou a interagir com seus amigos, que são copresenças ausentes, segundo as autoras. Eles estão fisicamente ausentes e eletronicamente copresentes.

Entretanto, a copresença, de acordo com o teórico dos estudos espaciais urbanos Bill Hillier (2007), não demanda interação entre as pessoas, mas apenas consciência da presença dos demais. Uma pessoa pode estar presente sozinha numa sala, mas se estiver conectada à internet ela pode estar em copresença ausente com outros que não estão fisicamente ali. Talvez ela esteja em copresença, mas em um outro lugar, formado pela junção entre o físico e o virtual.

É cada vez mais comum que as pessoas habitem um híbrido entre espaços físicos e digitais, com a mediação de tecnologias móveis e locativas. A extensa maioria dos smartphones disponíveis no mercado tem um receptor de Sistema de Posicionamento Global (GPS) e um software correspondente para que os usuários possam identificar sua localização no mapa.

Por serem capazes de se conectar a satélites, torres de telefonia móvel ou roteadores sem fio, os dispositivos móveis adquirem coordenadas geoespaciais que permitem aos usuários acessar informações sobre sua localização e encontrar outros usuários na área. O reconhecimento da localização em telefones celulares pode ser realizado de três maneiras: triangulação de celular, Sistema de Posicionamento Global (GPS) e/ou posicionamento Wi-Fi (Gordon; De Souza e Silva, 2011, p. 41, tradução nossa).

Essas tecnologias expandiram a percepção do espaço físico, criando condições para a emergência de novos espaços. Para Gordon e de Souza e Silva (2012), esses lugares são fabricados a partir da estrutura cultural e tecnológica por eles denominada "localidades em rede" (*networked locality* ou *net locality*). Lemos (2010) chama de "territórios informacionais" e Santaella (2008) denomina "espaço intersticial".

Por não estarem afixados em um espaço, as práticas informativas de lugar estão presentes desde o princípio da telefonia móvel, com a constante pergunta "onde você está?". O teor da conversa pode mudar radicalmente dependendo da resposta. Por mais que fosse possível detectar a localização de um dispositivo pela triangulação das ondas de rádio, a informação não era acessível aos usuários em geral (De Souza e Silva; Gordon, 2011).

A experiência de visão tátil, em que mãos, olhos, tela e o entorno estão misturados, é chamada por Cooley (2004) de visão por meio da tela, que ele considera como uma maneira de olhar que é material e dinâmica. Ele nomeou de MDS (*mobile screenic device*) os telefones celulares, dispositivos computacionais e organizadores eletrônicos portáteis que, no seus processos de desenvolvimento tecnológico, foram equipados com telas de LCD (*liquid crystal display*) coloridas. Assim, a visão potencializou-se tátil e não limitada pelos olhos.

De acordo com Cooley (2004), os debates dentro e fora da academia acerca desse tema direcionaram-se a transformações na comunidade e nas interações, reconfiguração dos códigos sociais de interação, tendência a uma performance pública de uma conversa privada e a crescente confusão entre trabalho e lazer. Entretanto, inicialmente, deu-se pouca ou nenhuma atenção ao relacionamento particular entre usuários e seus MDS, nem na relação entre a tela e a visão.

Colley (2004) considera esse modo de visão não como uma prática de enxergar através de uma janela, mas olhar para uma tela. Ele entende a televisão e o cinema como janelas, porque estas são anteparos que distanciam os espectadores do que eles estão olhando. Já as telas dos MSD se fundem com o mundo enquanto ele acontece, estimulam uma experiência de encontro. Isso impacta na forma como o indivíduo se relaciona com aquilo que vê, já que a visão se torna uma extensão da tela. Porque a atenção não demanda uma direcionada presença absoluta e não está enclausurada por muros da desconexão, ela pode ser entendida como um emaranhado de linhas que se enroscam.

As possibilidades de se permitir a localização de fotografias levaram Hjorth e Pink (2012) a repensar a produção e o consumo de imagens em movimento, por meio da inserção do contexto em que as práticas foram executadas. As autoras argumentam que os smartphones trazem o processo fotográfico como continuidade do movimento

cotidiano, a partir da percepção e da construção de significados enquanto são disparadas as funções hápticas de interação com as interfaces da tela.

Mesmo em trânsito, as pessoas podem constituir conexões de lugar com locais de passagem, como o próprio movimento em si, entendido como uma prática social de construção de sentidos. Isso nos leva novamente ao conceito de malha de Ingold (2012, 2015), que se opõe à ideia de rede de conexões. O termo malha, emprestado de Lefebvre (1991 apud Ingold, 2012), enfatiza o caráter nômade, sempre em movimento.

Se a malha é formada pela peregrinação, segundo Ingold (2015, p. 223), a rede se refere ao transporte, que é "essencialmente orientado para um destino, como se o passageiro carregasse a sua assinatura consigo, enquanto é transportado de um lugar para outro". Basta entrar em um ônibus, trem ou outro meio de transporte para constatar as luzes brancas dos celulares projetadas sobre os rostos dos passageiros. O sujeito munido de smartphone e conexão à internet produz lugares enquanto o veículo se dirige ao seu destino. Ao acessar a rede de dados, o usuário não é transportado do lugar ônibus para o ciberespaço, não tem sugado seu rosto pela tela do smartphone como na série *Sur-Fake* do artista Antoine Geiger. Ele continua, física e sensorialmente ali, enquanto transmite informações pessoais que podem ser captadas e utilizadas sem o seu consentimento.

A partir de uma ampla gama de possibilidades de usos de filtros e outras manipulações digitais, o sujeito não quer só representar o lugar, mas narrá-lo de outra maneira, apresentar uma imagem única daquele lugar. Ele cria um novo lugar, tecendo com as linhas de tecnologias em movimento um aqui e agora. E, anterior a isso, a simples posse, e conseqüente manipulação do aparelho produtor de fotografias, catalisou o processo de percepção e elaboração da cena, a partir de um "abrir imaginativo do espaço" (Massey, 2008, p. 177). Ao mesmo tempo em que ele carrega cotidianamente consigo um enorme arquivo de fotografias, com o temor de serem apropriadas por empresas como parte da agregação de dados, "o que torna a relação entre o contexto e o conteúdo ainda mais distorcidas" (Hjorth; Pink, 2012, p. 149).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia é compreendida aqui para além do conteúdo visual das imagens produzidas por aparelhos, incorporando-se as práticas implicadas no movimento de

como se percebe e se sente o ambiente físico, os encontros entre os sujeitos participantes do evento fotografia e as particularidades da produção fotográfica com smartphones, chamada por Hjorth e Pink (2014, 2012) de *camera phone practices*.

Uma imagem fotográfica sempre será de algum lugar, pela sua particularidade de estar conectada a um referente. Depois, se guardada, ela irá ocupar um lugar - seja uma unidade de disco rígido, uma gaveta ou uma rede social. Mas também, seguindo a concepção de lugar proposta por Massey (2008), podemos entender que a fotografia como evento produz lugares. Nos encontros com a imagem fotográfica, com câmera ou com a simples ideia de ambas e na junção entre os espaços físico e digital, que produzem lugares de copresença - aí compreendido o compartilhamento de fotografias em redes sociais. Mas também a própria imagem fotográfica em si pode ser entendida como lugar, um espaço de encontros.

REFERÊNCIAS

AZOULAY, Ariela. *Civil Imagination: a political ontology of photography*. London: Verso, 2012.

_____. What is a photograph? What is photography? *Philosophy of Photography*. V. 1, n. 1, p. 9–13, 2010.

COOLEY, Heide R. It's All About the Fit: the hand, the mobile screenic device and tactile vision. *Journal of Vision Culture*, v. 3, p. 133-155. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1470412904044797>>. Acesso em 18 abr. 2024.

CRESWELL, Tim. *Place: an introduction*. Malden: Blackwell, 2015. E-book.

GORDON, Eric; DE SOUZA E SILVA, Adriana. The Urban Dynamics of Net Localities: how mobile and location-aware technologies are transforming places. In.: WILKEN, Rowan; GOGGIN, Gerald. (Org.) *Mobile Technology and Place*. Nova Iorque: Routledge, 2012.

_____. *Net Locality: why location matters in a networked world*. Oxford: Wiley Blackwell, 2011. E-book.

HILLIER, Bill. *Space is the machine: a configuration theory of architecture*. E-edition. London, Space Syntax, 2007.

HJORTH, Larissa; PINK, Sara. New Visualities and the Digital Wayfarer: Reconceptualizing camera phone photography and locative media. *Mobile Media & Communication*, v. 2, n. 1, p. 40-57, 2014.

_____. Emplaced Cartographies: reconceptualizing camera phone practices in an age of locative media. *Media International Australia (MIA)*, n. 145, p. 145-155, 2012.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, v 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

LEMOS, André. Mídias Locativas e Territórios Informacionais. In Santaella, L., Arantes, P. (ed), *Estéticas Tecnológicas. Novos Modos de Sentir.*, São Paulo: EDUC., p. 207-230, 2007.

MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SANTAELLA, Lucia. A estética política das mídias locativas. *Nômadias*, Instituto de Estudios Sociales: Bogotá, n. 28, p. 128-137, 2008.

THRIFT, Nigel. *Non-Representational Theory: space, politics, affect*. Nova Iorque: Routledge, 2008.